

# *Holocalyx balansae* Micheli

(alecrim das matas , alecrim de campinas, alecrim do campo, pau alecrim, pau de rego)

**Família:** Fabaceae

**Endêmica:** não<sup>4</sup>

**Bioma/Fitofisionomia:** Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica<sup>4</sup>

**Recomendação de uso:** Silvicultura

Árvore perenifólia, com 5 a 10 m de altura e 20 a 50 cm de DAP, podendo atingir até 25 m de altura e 100 cm de DAP, na idade adulta. O alecrim é recomendado para reposição de mata ciliar em locais sem inundação para plantio em margem de represa com piscicultura. O fruto, cuja polpa madura é succulenta, adocicada e um tanto ácida, serve de alimento para vários animais silvestres, como veado, anta e o periquito maitaca, que também são seus principais dispersores. É uma espécie largamente utilizada na arborização de parques, praças e ruas, sua copa é compacta e mantém-se sempre verde, assumindo formato arredondado, mais desenvolvida quando isolada. As sementes são tidas como tóxicas. O alecrim não deve ser utilizado como árvore de sombra para o gado, por ser espécie tóxica. As folhas, talos foliáceos e sementes encerram glucósidos cianogênicos, que podem ser tóxicos ou medicamentosos, de acordo com a sua dose. Usa-se em forma de banhos para combater o reumatismo. O chá serve para tosse e afecções das vias respiratórias, além de ser usado para baixar a pressão. A madeira do alecrim pode ser usada em marcenaria de luxo, tacos de bilhar, construção pesada, dormentes, forro, móveis, mourões, postes, ripas, cabos de ferramenta e peças torneadas.

## Etnobotânica e Histórico

**Usos específicos:** produtos madeireiros (cabo de ferramentas, dormentes, mourões, peças torneadas, poste, caibros, forro e teto, ripas, carpintaria e marcenaria), produtos não madeireiros (recurso para fauna, medicinal, ornamental)<sup>2</sup>

## Características gerais

**Porte:** altura 10.0-25.0m DAP 50-100cm<sup>1,2</sup>

**Cor da floração:** branca<sup>3,1</sup>

Esbranquiçadas ou cremes (LONGHI, 1995); Esverdeadas (ELETROPAULO, 1995).

**Velocidade de desenvolvimento:** Lenta<sup>2</sup>

O incremento médio máximo registrado é de 1,20 m<sup>3</sup>/ha/ano, aos dez anos.

**Persistência foliar:** Perenifolia<sup>2,1</sup>

**Sistema radicular:** -

**Formato da copa:** Globosa<sup>3,2</sup>

**Diâmetro da copa:** 10m<sup>2</sup>

**Alinhamento do tronco:** Tortuoso<sup>1,2</sup>

**Superfície do tronco:** Fissurada<sup>1</sup>

**Tipo de fruto:** Carnoso indeiscente (Drupa)<sup>1</sup>

## Cuidados

**Poda de condução e de galhos:** sim<sup>2</sup>

**Pragas e doenças:** -

**Acúleos ou espinhos:** -

**Princípios tóxicos ou alergênicos:** sim<sup>2</sup>

**Drenagem do terreno:** Áreas encharcadas/alagadas<sup>9,6</sup>

## Ecologia e Reprodução

**Categoria sucessional:** Secundária tardia, Clímax<sup>5,7,1,8</sup>

**Polinizadores:** Principalmente as abelhas e diversos insetos pequenos.<sup>2</sup>

**Período de floração:** maio a outubro<sup>2</sup>

**Tipo de dispersão:** Zoocórica<sup>2</sup>

**Agentes dispersores:** Agentes dispersores morcegos entre outros e ornitocórica, principalmente o periquito baitaca.<sup>2</sup>

**Período de frutificação:** novembro a abril<sup>2,1</sup>

**Associação simbiótica com raízes:** não<sup>7</sup>

Associação simbiótica nas raízes com micorriza em intensidade muito baixa.

## Produção de mudas

**Obtenção de sementes:** Coleta de frutos no solo<sup>6,1,2</sup>

Segundo LONGHI 1995, a melhor época para colheita das sementes ocorre nos meses de março e abril. Para a extração da semente, o fruto deve ser lavado e macerado em água, para a retirada da polpa carnosa. Em seguida, a semente deve permanecer em peneiras para secar, à sombra (CARVALHO, 2003). Segundo LORENZI, 2002, recomenda-se coletar os frutos do chão, que

podem ser utilizados diretamente na semeadura sem beneficiamento, não havendo necessidade de despoldá-los, já que a polpa é fina e mantém a umidade da semente.

**Tipo de semente:** Intermediária<sup>5</sup>

**Tratamento para germinação:** Escarificação mecânica, Tratamentos combinados<sup>5</sup>

Imersão em água a temperatura de 80°C a 90°C, fora do aquecimento, mantendo as sementes na água até que se atinga a temperatura ambiente. Outra opção é realizar a escarificação mecânica na região oposta à do embrião.

**Produção de mudas:** Canteiros ou Recipientes individuais<sup>2,6</sup>

Recomenda-se semear em sementeiras, para posterior repicagem, ou duas sementes por recipiente, (semente grande, dependendo do diâmetro do recipiente não é possível a semeadura direta). Recomenda-se a repicagem três a cinco semanas após a germinação (CARVALHO, 2003). Segundo LORENZI, 2002, recomenda-se semear os frutos como se fossem sementes em recipientes individuais, como sacos plásticos. O autor ainda afirma que o desenvolvimento das mudas é lento, podendo demorar até um ano para estarem prontas para o campo.

**Tempo de germinação:** 30 a 120 dias<sup>2,1</sup>

**Taxa de germinação:** 50 a 90%<sup>5,2</sup>

**Número de sementes por peso:** 1000/kg<sup>5,1,6</sup>

**Exigência em luminosidade:** Tolerante à sombra<sup>6</sup>

Apesar de sua ocorrência no interior da mata primária, tolera bem a luz direta quando adulta.

## Dados madeireiros

**Possui curva de incremento médio anual (IMA):** -

**Possui curva de incremento corrente anual (ICA):** -

## Bibliografia

<sup>1</sup> LONGHI, R. A. Livro das árvores: árvores e arvoretas do Sul. Porto Alegre: L & PM, 1995. 176 p.

<sup>2</sup> CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

<sup>3</sup> ELETRICIDADE DE SÃO PAULO S/A - ELETROP PAULO. Guia de planejamento e manejo da arborização urbana. São Paulo: Eletropaulo: Cesp: CPFL, 1995. 38 p.

<sup>4</sup> MANSANO, V. F.; BARROS, L. A. V. de. Holocalyx. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 23 ago. 2013.

<sup>5</sup> MORI, E. S.; PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREITAS, N. P.; MARTINS, R. B. Sementes florestais: guia para germinação de 100 espécies nativas. São Paulo: Instituto Refloresta, 2012. 159 p.

<sup>6</sup> LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

<sup>7</sup> ZANGARO, W.; NISIZAKI, S. M. A.; DOMINGOS, J. C. B.; NAKANO, E. M. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas nativas da bacia do Rio Tibagi, Paraná. *Cerne*, Lavras, v. 8, n. 1, p. 77-87, 2002.

<sup>8</sup> FONSECA, R. C. B; RODRIGUES, R. R. Análise estrutural e aspectos do mosaico sucessional de uma floresta semidecídua em Botucatu, SP. *Scientia Forestalis*, Piracicaba, n. 57, p. 27-43, jun. 2000.

<sup>9</sup> NASCIMENTO, H. E. M.; VIANA, V. M. Estrutura e dinâmica de eco-unidades em um fragmento de floresta estacional semidecidual na região de Piracicaba, SP. *Scientia Forestalis*, Piracicaba, n. 55, p. 29 -47, jun. 1999.